

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AGOSTINHO DE HIPONA, Santo. (circa 400) **On the Trinity**. Disponível na Internet: <www.newadvent.org/fathers/1301.htm>, accessus 8/2/2008.
- _____ (circa 400) **A Natureza do Bem**. Rio de Janeiro: Sétimo Selo, 2006.
- ALEKSANDER, Igor. (2002) "Understanding Information, Bit by Bit: Shannon's Equations". In: FARMELO, Graham [org] **It Must Be Beautiful: great equations of modern science**. Londres-Nova Iorque: Granta.
- ALENCAR, José de. (1874) **Ubirajara**. Internet: disponível no site <www.dominiopublico.gov.br>.
- AQUINO, São Tomás de. (1265-1272) **Suma Teológica** – Tradução de Alexandre Correia. Parcialmente disponível na Internet: <<http://sumateologica.permanencia.org.br/suma.htm>>, accessus 8/2/2008.
- ARISTÓTELES. (circa 330 aC) "Poetics". In: **The Works of Aristotle – Volume I** (Great Books of the Western World, 8). Chicago: Britannica, 1952. Também In: *Arte Retórica e Arte Poética*. São Paulo: Ediouro.
- _____ (350 aC) "On the parts of animals". In: **CD-ROM World Literary Heritage**. Irvine: Softbit, 1993.
- ARISTÓTELES, HORÁCIO, LONGINO. (circa 330, 65 aC e 40dC) **A Poética Clássica**. São Paulo: Cultrix, 1997.
- AZEREDO, José carlos de. (2000) **Fundamentos da Gramática do Português**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.
- BACON, Francis. (1979) **Sphinx – Portrait of Muriel Belcher** [pintura]. Internet: <www.museumsyndicate.com/item.php?item=9212>, accessus 24/09/2007.
- BEARDSLEY, Monroe C. (1962) "The Metaphorical Twist". In: JOHNSON, Mark [ed]. (1981) **Philosophical Perspective on Metaphor**. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- BECHARA, Evavildo. (1961) **Moderna Gramática Portuguesa**. Rio de Janeiro: Lucerna, 1999.
- BENJAMIN, Walter. (1936) "O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskov". In: **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994. Disponível na Internet: <geocities.com/fe_edf283/benjamin1-11.htm>, accessus 7/2/2008.
- BENSE, Max. (1968) **Pequena Estética**. São Paulo: Perspectiva [debates], 2003.
- BENSE, Winfried & VILELA, Márcio. (1986) **Gramática de Valências**. Coimbra: Almedina.
- BERARDINELLI, Cleonice [trad]. (1953) **Cantigas de Trovadores Medievais em Português Moderno**. Rio de Janeiro: Organização Simões.
- _____ (1958) "Observações sobre a língua poética de Fernando Pessoa". In: **Fernando Pessoa: Outra vez te revejo**. Rio de Janeiro: Lacerda, 2004.
- _____ (2007) "Aula sobre o Cancioneiro Geral de Garcia de Resende". In: **Curso sobre Trovadorismo**. Rio de Janeiro: PUC-Rio, 30 de maio de 2007.
- _____ (1995) "Mensagem". In: HEYE, Jürgen [org]. **Flores Verbais – Homenagem à Profa. Eneida Bomfim**, 1ª ed. Rio de Janeiro: ED34.
- BERMAN, Marshall. (1981) **Tudo Que é Sólido Desmancha no Ar: a aventura da modernidade**. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.
- BERNSTEIN, Charles. (1992) **A poetics**. Cambridge: Harvard University Press.
- BESANT, Anne. (1915) **Os Ideaes da Teosophia**. Tradução de Fernando Pessoa. Lisboa: Livraria Clássica.
- _____ (1922) **Introdução ao Ioga**. Tradução atribuída a Fernando Pessoa. São Paulo: Círculo do Livro, s/d na edição.

- BLANCO, José. (1983) **Fernando Pessoa – esboço de uma bibliografia**. Lisboa: Imprensa Nacional-Casa da Moeda / Centro de Estudos Pessoaanos.
- BLAVATSKY, Helena. (1889) **A Voz do Silêncio. Versão Portuguesa de Fernando Pessoa**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1969. Também In: São Paulo: Ground, 2002.
- BONDER, Nilton. (1995) **Ídiche Kop: O segredo judaico de resolução de problemas**. Rio de Janeiro: Imago.
- BOONS, Jean-Paul. (1956) "Sinonímia, Antonímia e Fatôres Estilísticos em alguns relatórios científicos". In: **Semiologia e Lingüística – seleção de ensaios da revista "Communications"**. Petrópolis: Vozes, 1971.
- CALVINO, Italo. (1972). **As Cidades Invisíveis**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.
- _____ (1985). **Seis propostas para o próximo milênio**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.
- CAMPOS, Haroldo de [org.]. (1977) **Lógica Poesia Linguagem**. São Paulo: EDUSP, 2000.
- CAMPOS, Haroldo e Augusto de [orgs.]. (1971-2005) **Coleção Signos – 45 volumes até 2007**. São Paulo: Perspectiva. Info na Internet: <www.editoraperspectiva.com.br/lista.php?c_colectao=11>, accessus 24/09/2007.
- CAPINHA, Graça. (2001) "A Magia da Tribo – Para uma concepção agonista e poética dos discursos e das identidades: a desterritorialização das palavras na poesia L=A=N=G=U=A=G=E e na poesia dos emigrantes portugueses". In: RAMALHO, Maria Irene & RIBEIRO, António Sousa [eds.]. **Entre Ser e Estar. Raízes, Percursos e Discursos da Identidade**. Porto: Afrontamento.
- _____ [org.] (2004) **OFICINA DE POESIA – revista da palavra e da imagem**, nº 4. Coimbra: Palimage.
- CASTRO, Eduardo Viveiros de. (2002). "Perspectivismo e Multinaturalismo na América Indígena". In: **A Inconsistência da Alma Selvagem e outros estudos de Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naify.
- CIPRO NETO, Pasquale; INFANTE, Ulisses. (1996) **Gramática da Língua Portuguesa**. São Paulo: Scipione, 1999.
- COELHO, Jacinto do Prado. (1963) **Diversidade e Unidade em Fernando Pessoa**, 2. ed. Lisboa: Verbo.
- COLERIDGE, Samuel Taylor. (1852) "The Statesman Manual". In: **Lay Sermons**. Internet: <<http://www.archive.org/details/a557334100coleuoft>>, [comentários em] <http://www.ajdrake.com/e212_fall_02/materials/guides/rom_coleridge.htm>, accessus 28/07/2007.
- CONDE, Elsa [org.]. (1993) **Catálogo do espólio bibliográfico de Fernando Pessoa**. Lisboa: Casa Fernando Pessoa.
- CUNHA, Celso; CINTRA, Lindley. (1984) **Nova Gramática do Português Contemporâneo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.
- DELEUZE, Gilles. (1968) **Différence et Répétition**. Paris: Presses Universitaires de France.
- _____ (1969) "Do Esquizofrênico e da Menina". In: **Lógica do Sentido**. São Paulo: Perspectiva, 1974.
- _____ (1970) **Proust e os Signos**. Rio de Janeiro: Forense-Universitária, 1987.
- _____ (1977) "On the Superiority of Anglo-American Literature". In: DELEUZE, G. & PARNET, Claire. **Dialogues**. Nova Iorque: Columbia University Press, 1987.
- _____ (1991) **Qu'est-ce que la Philosophie?** Paris: Minuit.
- DELEUZE, Gilles; GUATARI, Felix. (1975) **Kafka – pour une littérature mineure**. Paris: Minuit.
- DEWEY, John. (1938) **Experience and Education**. New York: Touchstone, 1997.
- DIEGUEZ, Flavio. (2003: junho) "Pura Elegância". In: **Revista Super Interessante, ed. 186**. São Paulo: Abril.
- DUNCAN, Isadora. (1927) **My Life**. Nova Iorque/Londres: Liveright, 1995.

- DUNCAN, Robert. (1963) **Bending the Bow**. Nova Iorque: New Directions, 1968.
- EINSTEIN, Albert. (1916) **A Teoria da Relatividade Especial e Geral**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1999.
- EISENSTEIN, Serguéi. (1929) “O Princípio Cinematográfico e o Ideograma”. In: CAMPOS, Haroldo [org]. **Ideograma: Lógica, Poesia, Linguagem**. São Paulo: EDUSP, 2000.
- ELIOT, T. S. (1917) “A Canção de Amor de J. Alfred Prufrock”. In: **Poesia**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981. Internet: [original em Inglês] <<http://www.bartleby.com/198/1.html>>, accessus 30/10/2006.
- FARACO, Carlos Emílio; MOURA, Francisco. (1992) **Gramática**. São Paulo: Ática.
- FENOLLOSA, Ernst. (1919) “Os Caracteres da Escrita Chinesa como Instrumento para a Poesia”. In: CAMPOS, Haroldo. [org] **Ideograma: Lógica, Poesia, Linguagem**. São Paulo: EDUSP, 2000.
- FORTES, Corsino. (1974) “Pão & Fonema”. In: **A Cabeça Calva de Deus -- Obras Poética**. Lisboa: Dom Quixote, 2001. Internet: <<http://ruibebiano.net/zonanon/non/letras/fortes.html>>, accessus 24/09/2007.
- FREEMAN, Ira M. (1955) **O Átomo – Enciclopédia Juvenil nº 3**. Rio de Janeiro: Record, 1963.
- GAMA, Rinaldo. (1995). **O Guardador de Signos: Caeiro em Pessoa**. São Paulo: Perspectiva.
- GANDHI, Mohandas K [Mahatma]. (1925) **Autobiografia – minha vida e minhas experiências com a verdade**. São Paulo: Palas Atena, 1999.
- GARCEZ, Maria Helena Nery. (1985). **Alberto Caeiro: “Descobridor da Natureza”?** Porto: Centro de Estudos Pessoaanos.
- _____ (1990). **O Tabuleiro Antigo: uma leitura do heterônimo Ricardo Reis**. São Paulo: Edusp.
- GAUTAMA, Sidarta (565-486 aC). **Dhammapada – a Senda da Virtude**. São Paulo: Palas Athena, 2000. Diversas traduções disponíveis na Internet: <<http://en.wikiquote.org/wiki/Dhammapada>>, accessus 8/2/2008.
- GENTILEZA GERA GENTILEZA [ONG]. (2000) **Site do Profeta**. Mirandópolis: Org. Gentileza gera Gentileza. Site disponível na Internet, endereço <<http://www.gentileza.org.br/>>. Acessado em 17/11/2006.
- GONÇALVES, Elsa & RAMOS, Maria Ana. [orgs] (1983) **A Lírica Galego-Portuguesa**. Lisboa: Editorial Comunicação.
- GONÇALVES, Marco Antonio. (1993) **O Significado do Nome – Cosmologia e Nomenclatura entre os Pirahã**. Rio de Janeiro: Sette Letras.
- GRANDIN, Temple; JOHNSON, Catherine. (2005) **Na Língua dos Bichos – usando os mistérios do autismo para decodificar o comportamento animal**. Rio de Janeiro: Rocco.
- GRANGER, G.G. (1968) **Filosofia do Estilo**. São Paulo: EDUSP-Perspectiva (série Estudos), 1974.
- GUROVITZ, Helio. (2003: março) “A Chave de Tudo”. In: **Revista Super Interessante, ed. 186**. São Paulo: Abril.
- HELDER, Herberto (2004) **Herberto Helder -- Ou o Poema Contínuo**. Lisboa: Assírio & Alvim.
- HEMPHILL, Scott. (1993) **The Project Gutenberg E-text of the number Pi**. Internet: <<http://www.gutenberg.org/etext/50>>, accessus 4/11/2006.
- HENLE, Paul. (1958) “Metaphor”. In: JOHNSON, Mark [ed]. (1981) **Philosophical Perspective on Metaphor**. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- HENRIQUES, Mendo Castro. (1989). **As Coerências de Fernando Pessoa**. Lisboa/São Paulo: Editorial Verbo.
- HIDALGO, Luciana (1996). **Arthur Bispo do Rosario: o senhor do labirinto**. Rio de Janeiro: Rocco.
- HJELMSLEV, Louis. (1942) **Langue et Parole**. Originalmente publicado em: *Cahiers Ferdinand Saussure, n^o 2*. Internet: <www.revue-texto.net/Saussure/Sur_Saussure/Hjelmslev_Langue.html>. Acessado em 4 de Junho de 2007.

- HOBBS, Thomas. (1651) **Leviathan**. In: *CD-ROM World Literary Heritage*. Irvine: Softbit, 1993.
- HOFSTADTER, Douglas R. (1980). **Gödel, Ascher, Bach: an eternal goden braid**. New York: Vintage Books.
- Holy Bible – King James Version** (1611). Michigan: World, 1998. Internet: <<http://quod.lib.umich.edu/k/kjv>>, accessus 29/07/2007.
- HOPPER, Paul & TRAUGOTT, Elizabeth Closs. (1993) **Grammaticalization**. Cambridge: Cambridge University, (Cambridge Textbooks in Linguistics), 2004.
- HOUAISS, Antônio; VILLAR, Mauro Salles. (2001) **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva.
- HOWARD, Ron. (2001) **Uma Mente Brilhante** [filme]. EUA: Imagine Entertainment.
- HUISMAN, Denis. (1984) **Dicionário dos Filósofos**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- ISBIN, Sharon. (2005) "Master Class" In: **Sharon Isbin Week** [apresentação musical]. Théâtre du Châtelet, Paris. Internet: <http://sharonisbin.com/itin_2004_2005.html> accessus 4/3/2007.
- IYENGAR, B.K.S. (1993) **Lumière sur les Yoga Sûtra de Patañjali**. Paris: Meta (Buchet / Chastel), 2003.
- JAKOBSON, Roman. (1956) "Dois aspectos da linguagem e dois tipos de afasia". In: **Linguística e Comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1998.
- JAKOBSON, Roman & PICCHIO, Luciana Stegagno. (dez 1968) "Les oxymores dialectiques de Fernando Pessoa". In: **Langages, nº 12**. Rep-In: **Linguística e Literatura** [trad. port], pp. 21-55. Lisboa: Ed. 70, s.d.
- JOÃO, São. (circa 85-100) "Evangelho" & "Apocalipse". In: **Bíblia Sagrada**. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.
- JOHNSON, George. (1995) **Fire in the Mind: Science, Faith and the Search for Order**. Nova Iorque: Random House (Vintage Books).
- KAFKA, Franz. (1916) **Metamorfose**. Rio de Janeiro: EDIOURO, 1971.
- KANDINSKY, Wassily. (1912) **Do Espiritual na Arte**. São Paulo: Martins Fontes, 1996.
- KANT, Immanuel. (1781) **Crítica da Razão Pura**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001.
- KOVADLOFF, Santiago. (1993) **O Silêncio Primordial**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2003.
- KRISTEVA, Julia. (1981) **Language: The Unknown – an Initiation into Linguistics**. Nova Iorque: Columbia University Press, 1989.
- LAGO, Antônio; PÁDUA, José Augusto. (1984) **O que É Ecologia**. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- LAKOFF, George; JOHNSON, Mark. (1980) **Metaphors We Live By**. Chicago: University of Chicago Press, 2003.
- LAO-TSÉ. (circa 600-200 aC). **Tao te King**. São Paulo: Attar, 2001. Também disponível na Internet: <www.dhnet.org.br/dados/livros/memoria/mundo/tao.htm>, accessus 28/07/2007
- LAPA, Manuel Rodrigues. (1965) **Cantigas d'escarnho e de mal dizer: dos cancioneiros medievais galego-portugueses / ed. crítica e vocabulário**. Lisboa: João Sá da Costa, 1995.
- LEÃO, Emmanuel Carneiro. (1999) "O Pensamento a Serviço do Silêncio". In: SCHUBACK, Marcia S. C. [org]. **Ensaio de Filosofia: homenagem a Emmanuel Carneiro Leão**. Petrópolis: Vozes.
- LECERCLE, Jean-Jacques. (1994) **Philosophy of Nonsense – The Intuitions of Victorian Nonsense Literature**. Nova Iorque: Routledge.
- LÉVI-STRAUSS (1949) "O feiticeiro e sua magia". In: **Antropologia Estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- _____ (1952) "Raça e História". In: **Antropologia Estrutural Dois**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1993.
- _____ (1955) "A Estrutura dos Mitos". In: **Antropologia Estrutural**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1996.
- _____ (1993) "As palavras e a música". In: **Olhar, escutar, ler**. São Paulo: Companhia

das Letras, 1997.

- LIMA, Ângelo de. (1915) “EDD’ORA ADDIO...” e outros publicados na revista *ORPHEU* 2. In: **Poesias Completas**. Lisboa: Assírio & Alvim, 1991.
- LOCKE, John. (1690) **An Essay Concerning Human Understanding**. Disponível na Internet: <www.gutenberg.org/etext/10615>, accessus 8/2/2008.
- LOURENÇO, Eduardo. (1973). **Fernando Pessoa Revisitado (Leitura Estruturante do Drama em Gente)**. Porto: Editorial Inova. Coleção Civilização Portuguesa, vol. 17.
- MALLARMÉ, Stephane. “Un coup de dés jamais n'abolira le hasard”. In: CAMPOS, Augusto; PIGNATARI, Decio; CAMPOS, Haroldo [trad]. **Mallarmé**. São Paulo: Perspectiva (Signos), 2002.
- MARQUES, Maria Helena Duarte. (1990) **Iniciação à Semântica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2003.
- MILL, John Stuart. (1843) “Sistema de Lógica dedutiva e Indutiva”. In: **Os Pensadores**, vol. 34. São Paulo: Abril Cultural, 1979. Original “*A System of Logic*” disponível na Internet: <www.la.utexas.edu/research/poltheory/mill/sol/>, accessus 28/06/2006.
- MOURA NEVES, Maria Helena de. (1997) **A Gramática Funcional**. São Paulo: Martins Fontes.
- _____ (2000) **Gramática de Usos do Português**. São Paulo: UNESP.
- NERLICH, B. (1998) **La Métaphore et la Métonymie: aux sources rhétoriques des théories sémantiques modernes**. Universidade de Nottingham. Internet: <<http://www.informetaphore.com/articles/nerlich.html>>, accessus 28/07/2007.
- NERUDA, Pablo. (1959) **Cien Sonetos de Amor**. Santiago: Planeta, 1992. Também disponível na Internet, site <www.ciudadseva.com/textos/poesia/100sone.htm>, accessus 28/07/2007.
- NIETZSCHE, Friedrich. (1872) **Da Retórica**. Lisboa: Vega, 1995.
- _____ (1890) **Assim Falou Zaratustra: um livro para todos e para ninguém**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1986.
- OITICICA, José. (1947) **Manual de Análise**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 5^a ed. refundida.
- _____ (1952) **Teoria da Correlação**. Rio de Janeiro: Simões.
- OLIVEIRA, Fernão D'. (1536) **Grammatica de Lingoagem Portuguesa**. Porto: Imprensa Portuguesa, 1871.
- OLSON, Charles. (1950) **Projective Verse**. Internet: <angelfire.com/poetry/jarnot/olson.html>, accessus 24/09/2007.
- PADGETT, Ron. (1987) **The Teachers & Writers Handbook of Poetic Forms**. Nova Iorque: T&W, 2000.
- PÂNINI. (circa 600-300 aC) **As.t.âdhyâyî of Pân.ini – in roman transliteration** – ed. by Sumitra M. Katre. Austin: University of texas Press, 1987.
- _____ (circa 600-300 aC). **Śiva Sutras**. Internet: <http://en.wikipedia.org/wiki/Shiva_Sutra>, accessus 30/10/2006.
- PATÂNĀJALI. (circa 200 aC) **Le Mahabhâs.ya de Patânjali**. Pondichéry: Institut Français d'Indologie, 1975.
- _____ (circa 200 aC) **Caraka Samhita** (text with English Translation), in 4 vols. Golghar: Chaukhambha Orientalia.
- _____ (circa 200 aC) **Yoga-Sūtra**. Disponível na Internet, original sânscrito no site <www.shaivam.org/sanskrit/ssyogasuutra.pdf>, traduzido para muitas línguas no site <www.tphtha.ws/TPH_YSPA.HTM>. Acessado em 6 de junho de 2007.
- PATROCÍNIO, Stela do. (2001) **Reino dos Bichos e dos Animais é o Meu Nome**. Organização e Introdução de Viviane Mosé. Rio de Janeiro: Azougue.
- PAZ, Octavio. (1986) **El Romanticismo y la Poesía Contemporánea – Una Larga Pasión**. In: Barcelona: Stelle dell'Orsa.
- PEIRCE, Charles Sanders. (SW) **Selected Writings – Values in a Universe of Chance** (ed. Philip Wiener). Nova Iorque: Dover, 1966.

- _____ (EPI) **The Essential Peirce – Selected Philosophical Writings, Vol. I.** Boomington: Indiana University Press, 1992.
- _____ (EP2) **The Essential Peirce – Selected Philosophical Writings, Vol. II.** Boomington: Indiana University Press, 1998.
- _____ (PW) **Philosophical Writings of Peirce** (ed. Justus Buchler). Nova Iorque: Dover, 1940.
- _____ (S) **Semiótica.** São Paulo: Perspectiva (Coleção Estudos), 2000.
- _____ (1902) "Minute Logic". In: **Collected Papers of Charles Sanders Peirce, vol. 2 – CD-ROM Past Masters – Humanities Databases, Full Text Scholarly Editions.** Charlottesville, Intalex: 1992.
- _____ (1903) "Conferências sobre Pragmatismo". In: **Escritos Coligidos.** São Paulo: Abril, série *Os Pensadores*, volume XXXVI, 1974.
- PERINI, Mário A. (1989) **Para uma Nova Gramática do Português.** São Paulo: Ática, 4^a ed.
- _____ (2002) **Sofrendo a Gramática – ensaios de linguagem.** São Paulo: Ática.
- _____ (2005) **Gramática Descritiva do Português.** São Paulo: Ática.
- PESSOA, Fernando. (AC-CB) **Poemas de Álvaro de Campos;** fixação do texto, introdução e notas de Cleonice Berardinelli. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.
- _____ (LD) **Livro do Desassossego: composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa;** organização de Richard Zenith. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- _____ (OP) **Obra Poética.** Edição de Maria Aliete Galhoz. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2005 (a 1^a edição é de 1960).
- _____ (OPr) **Obra em Prosa.** Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004.
- _____ (RC) **Rosea Cruz:** textos em grande parte inéditos, estabelecidos, coordenados e apresentados por Pedro Teixeira da Mota. Lisboa: Manuel Lencastre, 1989.
- _____ (RR) **Ricardo Reis – Poesia.** Lisboa: Assírio & Alvim, 2000.
- _____ (AC) **Poesia – Alberto Caeiro.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.
- _____ (C) **Correspondência – 1905-1922.** Lisboa: Assírio & Alvim, 1998.
- _____ (PC) **Poesias Coligidas: Quadras ao Gosto Popular, Novas Poesias Inéditas.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1981.
- _____ (1912) "A Nova Poesia Portuguesa". In: *Obra em Prosa.* Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 2004: págs. 361-406.
- _____ (1917) "No dia brancamente nublado, entristeço quase a medo". In: **Poesia Completa de Alberto Caeiro.** Ed. Richard Zenith e Fernando Cabral Martins. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.
- _____ (circa 1930) **A Língua Portuguesa.** São Paulo: Companhia das Letras, 1999.
- _____ (1935) **Nota biográfica escrita por Fernando Pessoa em 30 de Março de 1935.** Publicada, em parte, como introdução ao poema "À Memória do Presidente-Rei Sidónio Pais". Lisboa: Editorial Império, 1940.
- PIGNATARI, Décio. (1970) **Informação. Linguagem. Comunicação.** São Paulo: Perspectiva.
- _____ (1983) **Comunicação Poética.** São Paulo: Moraes.
- _____ (2004) **Semiótica & Literatura.** Cotia: Ateliê.
- PIMPÃO, Álvaro Júlio da Costa. [org] (1942) **Poetas do Cancioneiro Geral.** Lisboa: Livraria Clássica.
- PINTO, Milton José. (1977) **Análise semântica de línguas naturais: caminhos e obstáculos.** Rio de Janeiro: Forense-Universitária.
- PINTO, Shogyo Gustavo. (1998) **Shinshu and the Poetry of Fernando Pessoa –** comunicação apresentada na *European Branch Conference da Assocoation of Shin Biddhist Studies.* Oxford: Wadham College. Texto publicado na íntegra na revista *Shin Buddhist*, n° 5. Kyoto: Nagata Bunsho & International Association of Buddhist Culture, mar 2000.

- PITTELLA, Carlos. (2007) “Como fazer pontes em Coimbra”. In: CAPINHA, Graça. (2007) **Revista Oficina de Poesia, vol. X**. Coimbra: Palimage Editores.
- PLATÃO [Platos]. (séc. IV aC) **Parmênides**. São Paulo: Loyola, 2003. _____ (circa 360 aC) *The Republic of Plato*. Chicago: Perseu. Também Disponível na Internet: <<http://classics.mit.edu/Plato/republic.html>>, accessus 8/2/2008.
- POUND, Ezra. (1934) **ABC's of Reading**. New York: New Directions, 1960.
- PRADO, Marcos [diretor]. (2005) **Estamira**. Rio de Janeiro: Zazen. Site do filme disponível na Internet, endereço <<http://www.estamira.com.br/>>. Acessado em 17/11/2006.
- QUARESMA, Custódio [org]. (1922) **Primores da Poesia Portuguesa**. Rio de Janeiro: Quaresma.
- RIBEIRO, Bernardim. (1554) **História de Menina e Moça (ed. de Grokenberger)**. Lisboa: Livraria Stadium, 1947.
- RICHARDS, I.A. (1936) “The Philosophy of Reticence – Lecture V: Metaphor”. In: JOHNSON, Mark [ed]. (1981) **Philosophical Perspective on Metaphor**. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- ROCHA, Luiz Carlos de Assis. (2002) **Gramática Nunca Mais: o ensino da língua padrão sem o estudo da gramática**. Belo Horizonte: UFMG.
- ROCHA-LIMA, Carlos Henrique da. (1957) **Gramática Normativa da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.
- RODARI, Gianni. (1973) **Gramática da Fantasia**. São Paulo: Summus, 1982.
- ROHDEN, Huberto. (1976). **Einstein: o Enigma do Universo**. São Paulo: Martin Claret, 1993.
- ROUSSEAU, Jean-Jacques. (2002). “Emílio ou a Educação I”. In: **Textos Filosóficos**. São Paulo: Paz e Terra.
- RUMI, Jalal ud-Din. (séc. XIII). **Poemas místicos – Divan de Shams de Tabriz**. São Paulo: Attar, 1996. Internet: [alguns poemas em inglês] <<http://www.rumionfire.com/shams/index.htm>>, accessus 29/07/2007.
- SANTAELLA, Lucia. (1983). **O Que é Semiótica**. São Paulo: Brasiliense, Col. 1^{os} Passos.
- _____ (1992). **A Assinatura das Coisas – Peirce e a Literatura**. Rio de Janeiro: Imago.
- _____ (1995) **Teoria Geral dos Signos: semiose e autogeração**. São Paulo: Ática.
- _____ (2001) **Comunicação e Pesquisa: projetos para mestrado e doutorado**. São Paulo: Hacker.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. (1985) **Um Discurso sobre as Ciências – versão ampliada de um discurso proferido na Universidade de Coimbra**. Disponível na Internet: ccaa.ufma.br/~jefersonf/index2_arquivos/Boaventura_DiscursoCiencias.pdf, accessus 7/2/2008.
- SANTOS, Maria Irene Ramalho de Sousa [org]. (2001) **Poesia do Mundo 3 – antologia bilíngüe**. Porto: Afrontamento.
- SAUSSURE, Ferdinand de. (1916) **Curso de Lingüística Geral**. São Paulo: Cultrix-EDUSP, 1970.
- SCHANE, Sanford A. (1973). **Fonologia Gerativa**. Rio de Janeiro: Zahar.
- SHAPIRO, Michael. (1983) **The Sense of Grammar: Language as Semeiotic**. Bloomington: Indiana University Press.
- SILVA, Agostinho da. (1959) **Um Fernando Pessoa**. Lisboa: Guimarães, 1996.
- SILVA, Rosa Virgínia Matos e. (1989). **Tradição gramatical e gramática tradicional**. São Paulo: Contexto, col. Repensando a Língua Portuguesa, 2002 (5^a ed).
- _____ (1996). **Contradições no ensino de português: a língua que se fala X a língua que se ensina**. São Paulo: Contexto, col. Repensando a Língua Portuguesa, 2001 (4^a ed.).
- _____ (2006). **O português arcaico: fonologia, morfologia e sintaxe**. São Paulo: Contexto.

- SIMMEL, Georg. (1911) “O conceito e a tragédia da cultura”. In: SOUZA & OELZE [orgs] **Simmel e a Modernidade**. Brasília: UNB, 1988.
- SMULLYAN, Raymond. (1982) **Alice no País dos Enigmas: incríveis problemas lógicos no país das maravilhas**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- SOUSA, Maurício de. (1999) **Quadrinhos da Turma da Mônica, tira 51**. Internet: <<http://www.monica.com.br/index.htm>>, accessus 22/09/2007.
- SPINOZA, Benedict de. (1677) **Ethics – Great Books of the Western World, vol. 31**. Chicago-Londres: Brittanica, 1952.
- STORNI, Alfonsina. (1934) **Mundo de Siete Pozos**. Poema disponível na Internet, acessado em 17/11/2006 no site <http://es.wikisource.org/wiki/Mundo_de_siete_pozos>.
- TICUNA, Índios – org. geral dos professores Ticuna bilíngües. (1999) **O Livro das Árvores**. São Paulo: Global.
- TOLSTÓI, Leon. (1886) **A Morte de Iván Ilitch**. São Paulo: saraiva, 1963.
- TOTH, Christian. (2005). **O Caminho do Abstrato – através da imaginação, do devaneio e da lógica** (monografia de conclusão do curso de Psicologia na PUC-Rio). Rio de Janeiro: versão digital gentilmente cedida pelo autor.
- VALÉRY, Paul. (1894). **Introduction à le Méthode de Léonard de Vinci**. Paris: Gallimard, 1957.
- VICENTE, GIL. (1534) “Auto da Cananéia”. In: **Obras completas de Gil Vicente, vol. II**. (ed. Marques Braga). Lisboa: Sá da Costa, 1974.
- VICO, Giambattista. (1744) **Princípios de (uma) Ciência Nova (acerca da natureza comum das nações)** – Os Pensadores, vol. XX. São Paulo: Abril, 1974. Internet [introdução e Livro I originais em Italiano]: <www3.niu.edu/acad/english/vico/intro.htm>, accessus 29/07/2007.
- VIEIRA, Padre António. (1655) “Sermão da Sexagésima”. In: **Sermões**. Porto: Dom Quixote, 2003.
- VIVEKANANDA, Swami. (1956) **Raja Yoga**. Nova Iorque: Ramakrishna-Vivekananda Center, 1980.
- WATZLAWICK, Paul; BEAVIN, Janet Helmick; JACKSON, Don D. (1967). **Pragmática da Comunicação Humana: um estudo dos padrões, patologias e paradoxos da interação**. São Paulo: Cultrix, 1993.
- WILHELM, Richard (1956) **I Ching – o livro das mutações**. São Paulo: Pensamento, 1982.
- YOGANANDA, Paramahanda. (1945) **Autobiografia de um Iogue**. California/Rio de Janeiro/Petrópolis: Self Realization Fellowship.

Tabelas de Chaves de Análise

excertos do Livro do Desassossego (*LD*) associados a tópicos desta *Gramática da União (GdU)*

INSTRUÇÕES DE LEITURA DAS TABELAS:

COLUNA 1: **FRAG. LD** = número do Fragmento do *Livro do Desassossego*, segundo edição de Richard Zenith;

PESSOA, Fernando. (*LD*) *Livro do Desassossego: composto por Bernardo Soares, ajudante de guarda-livros na cidade de Lisboa*. Organização Richard Zenith. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

COLUNA 2: **Excerto (grifo nosso)** = transcrição do excerto do *LD* contendo um caso de errância gramatical de Pessoa grifado por nós;

COLUNA 3: **Chave de Análise na GdU** = indicação de trecho da *Gramática da União* em que se explora um tema associado ao excerto do *LD*;

COLUNA 4 (tabela 1): **Reflexão de Pessoa** = reflexão do poeta contida no mesmo trecho do excerto da coluna número 2;

COLUNA 4 (tabela 2): **Nossas Perguntas** = nossas propostas de reflexão em forma de perguntas a partir do excerto da coluna 2.

TABELA 1
 excertos comentados por Fernando Pessoa

frag. LD	Excerto (grifo nosso)	Chave de Análise na GdU	Reflexão de Pessoa
19	No recôncavo da praia à beira-mar, entre as selvas e as várzeas da margem, subia da incerteza do abismo nulo a inconstância do desejo aceso. Não haveria que escolher entre os trigos e os muitos <i>[sic]</i> , e a distância continuava entre ciprestes.	2.2.2. Nonsense + 1.1.2. Som (ressonância)	<i>[imediatamente após o excerto, em novo parágrafo]</i> O prestígio das palavras isoladas, ou reunidas segundo um acordo de som, com ressonâncias íntimas e sentidos divergentes no mesmo tempo em que convergem, a pompa das frases postas entre os sentidos das outras(...)
83a	Remoinhos, redemoinhos, na futilidade da vida! Na grande praça ao centro da cidade, a água sobriamente multicolor da gente passa, desvia-se, faz poças, abre-se em riachos, junta-se em ribeiros. Os meus olhos vêem desatentamente, e construo em mim essa imagem áquea que, melhor que qualquer outra, e porque pensei que viria chuva, se ajusta a <u>este incerto movimentos</u> .	2.3.1. Ideologia	Ao escrever esta última frase, que para mim exactamente diz o que define, pensei que seria útil pôr no fim do meu livro, quando o publicar, abaixo das "Errata" umas "Não-Errata", e dizer: a frase "a este incerto movimentos", na página tal, é assim mesmo, com as vozes adjetivas no singular e o substantivo no plural.
83b	Do lado oriental da Praça há mais forasteiros que do outro. Como descargas alcatifadas, <u>as portas onduladas descem para cima</u> ;	3.1. Paradoxo	(...) não sei porquê, é assim a frase que me transmite aquele som. É talvez porque fazem mais esse som ao descer, porém agora sobem. Tudo se explica.
84a	Se quiser dizer que existo, direi "Sou". Se quiser dizer que existo como alma separada, direi "Sou eu". Mas se quiser dizer que existo como entidade que a si mesma se dirige e forma, que exerce junto de si mesma a função divina de criar, como hei-de empregar o verbo "ser" senão convertendo-o subitamente em transitivo? E, então, triunfalmente, antigramaticalmente supremo, direi "Sou-me".	2.2. Regência	A gramática, definindo o uso, faz divisões legítimas e falsas. Divide, por exemplo, os verbos em transitivos e intransitivos; porém, o homem de saber dizer tem muitas vezes que converter um verbo transitivo em intransitivo para fotografar o que sente, e não para, como o comum dos animais homens, o ver às escuras.
84b	Suponhamos que vejo diante de mim uma rapariga de modos masculinos. Um ente humano vulgar dirá dela "Aquela rapariga parece um rapaz". Um outro ente humano vulgar, já mais próximo da consciência de que falar é dizer, dirá dela, "Aquela rapariga é um rapaz". Outro ainda, igualmente consciente dos deveres da expressão, mas mais animado do afeto pela concisão, que é a luxúria do pensamento, dirá dela, "Aquele rapaz". Eu direi, "Aquela rapaz", violando a mais elementar das regras de gramática, que manda que haja concordância de gênero, como de número, entre a voz substantiva e a adjectiva.	2.3. Concordância + 1. Estilística como Estética + 1.2.1. Metáfora	Analisando-me à tarde, descobro que o meu sistema de estilo assenta em dois princípios, e imediatamente, e à boa maneira dos bons clássicos, erijo esses dois princípios em fundamentos gerais de todo estilo: dizer o que se sente exactamente como se sente – claramente, se é claro; obscuramente, se é obscuro; confusamente, se é confuso –; compreender que a gramática é um instrumento, e não uma lei.

TABELA 2
 excertos com comentários nossos

FRAG LD	Excerto (grifos nossos)	Chave de Análise na GdU	Nossas Perguntas
8	O patrão Vasques. <u>Lembro-me dele já no futuro</u> , com a saudade que sei que hei-de ter então. Estarei sossegado numa casa pequena nos arredores de qualquer coisa, fruindo um sossego onde <u>não farei a obra que não faço agora</u> , e buscarei, para <u>a continuar a não ter feito</u> , desculpas diversas daquelas em que hoje <u>me esquivo a mim</u> .	1.3.1. Paradoxo	Que tempos verbais serão estes de "lembrar-se no futuro" e de se "continuar a não ter feito"? Um pretérito do futuro? E um não-presente contínuo? Ou projeções semânticas do narrador, deslocando-se livre pela linha do tempo? Vide fragmentos #30 e #32.
9	Sim, esta Rua dos Douradores compreende para mim todo o sentido das coisas, <u>a solução de todos os enigmas, salvo o existirem enigmas, que é o que não pode ter solução</u> .	1.3.1. Antítese	Se a razão de haver enigmas não tem solução, como qualquer enigma que seja pode ter?
10	(...) a inclinação <u>de</u> ouvir <u>com</u> os olhos <u>com que</u> recebeu a narrativa <u>que me não</u> recordava ter- <u>lhe</u> feito.	2.1.3. Gravitação (dêixis)	Como delimitar o espaço circunscrito por tamanha rede de "dêiticos", que, em sentido peirciano (o sentido de <i>índices</i>), inclui pronomes relativos e preposições?
16	Não seria capaz de descrever o mais pequeno pormenor da viagem, o mais pequeno trecho de visível. <u>Lucrei estas páginas, por olvido e contradição. Não sei se isso é melhor ou pior do que o contrário, que também não sei o que é.</u>	1.3.1. Contradição	Qual o contrário de se "lucrar por contradição"? Mas se nem Bernardo Soares sabe o que isso é, como saberemos, em primeiro lugar, o que é "lucrar por contradição"? (Vide frag. #84b sobre se exprimir confusamente uma sensação confusa).
21	Haja ou não deuses, deles somos servos.	1.3.1. Paradoxo	Tal como em "Onde está Deus, mesmo que não exista?", a opção/concessão é irrelevante para a oração principal. Por que há, então?
22	Deus <u>é</u> o existirmos e isto não <u>ser</u> tudo.	1.2.1. Metáfora	Uma oração predicativa como parte de predicativo? "Isto não ser tudo" parte de o que Deus é? Deus, uma definição que se indefine?
23	O único modo de estarmos <u>de acordo com a vida</u> é estarmos <u>em desacordo com nós próprios</u> . O absurdo é o divino.	1.3.1. Paradoxo	Que é "nós próprios" com que devemos discordar para concordar com a vida? O ego?
24	Abaixo destes estamos nós, os amorfos, <u>o dramaturgo atabalhoado William Shakespeare, o mestre-escola John</u>	2.2.2. Hera (modificativo)	O adjetivo substantivado (v.g. "vadio") não é uma "hera" aposta ao núcleo do sintagma nominal,

	<u>Milton, o vadio Dante Alighieri, o moço de fretes que me fez ontem o recado, (...).</u>		alterando-lhe (como parasita) a cor das flores semânticas?
25	É só uma oleografia. (É de papel que brilha e <u>dorme</u> por cima da cabeça do Alves canhoto <u>o seu viver de esbatimento.</u>)	2.3.3. Normalidade (transitividade)	Quem <u>dorme</u> , <u>dorme</u> alguma coisa? Dormir como verbo transitivo direto? (vide #84)
26a	Dobraram a curva do caminho e eram muitas raparigas. Vinham cantando pela estrada, e <u>o som das suas vozes era felizes [sic]</u> . Elas não sei o que seriam.	2.3. Concordância (suj./predicativo)	Predicativo como <u>close</u> de cinema? O som era: (corte para) raparigas felizes. Além disso, "felizes" é uma qualidade do som e não das raparigas, que Soares não sabia qualificar.
26b	Escutei-as [as raparigas] um tempo de longe, <u>sem sentimento próprio</u> . <u>Uma amargura por elas sentiu-me no coração.</u>	2.3.1. Ideologia +1.2.1. Metáfora	Quando ocorre amargura sem sentimento próprio, sou eu que sinto amargura, ou é ela que me sente? Uma autonomia das sensações inspirada em Caetano? O Poeta é só um espaço "onde"?
29	Depois que os últimos pingos da chuva começaram a tardar na queda dos telhados, e pelo centro pedrado da rua o azul do céu começou a espelhar-se lentamente, o som dos veículos tomou outro canto, mais alto e alegre, e ouviu-se o abrir de janelas contra o <u>desesquecimento</u> do sol.	2.2.2. Hera (afixação)	Desesquecimento é o movimento oposto ao esquecimento? Trata-se do "desesquecimento" tido pelo sol em relação a nós, ou por nós em relação a ele? Ou os dois juntos?
30	Ah, é a <u>saudade do outro que eu poderia ter sido</u> que me dispersa e sobressalta! <u>Quem outro seria eu</u> se me tivessem dado carinho do que vem desde o ventre até aos beijos na cara pequena?	1.3.1. Paradoxo +2.3.1. Ideologia	Vide #8 e #32. Tempo Pretérito (saudade) de um Futuro do Pretérito? Mais uma ausência presente? Uma fusão de " <u>Quem</u> seria eu" + "Que <u>outro</u> seria eu", com uma palavra-chave de cada opção?
31a	(...) e estou fazendo lançamentos <u>à tona de não poder dormir.</u>	2.2.3. Abelha (espacialidade)	Onde está o limite entre sonho (abstração) e vigília (concretude), na delimitação dos espaços adverbiais do LD? Vide o próximo fragmento.
31b	Durmo e <u>desdurmo</u> .	2.2.2. Semente e Hera (afixação)	Por que não "acordo" em vez de "desdumo"? A manutenção do radical "dorm-" indica que esta antítese de dormir ainda não é acordar? Como poderia Soares usar "acordo", se apenas ocorre em Pessoa "sempre que estou [está] cansado ou sonolento" (carta da gênese heteronímica de 1935)?
31c	Sinto a cabeça materialmente colocada na almofada <u>em que a tenho fazendo vale</u> .	1.3.3. Pleonasma +2.2.3. Abelha	O poder imagético de "fazendo vale" escusa a redundância de ter "a cabeça na almofada em que a

		(espacialidade)	[a cabeça] tenho fazendo vale"? Como funcionam os circunstâncias no <i>LD</i> , que em vez de limitar, "confundem" os espaços?
32	Depois a noite fechava-se como um alcapão, um grande sossego <u>fazia vontade de ter estado a dormir.</u>	2.2.3. Abelha (temporalidade)	Vide #8 e #30. "Vontade de ter estado" é um desejo de um passado? Um passado já frustrado por um presente não forte (ou real) o suficiente para impedir de cogitar que poderia ter sido diferente? <i>Penso, logo não sei quando existo?</i>
34	<u>Encontrar a personalidade na perda dela – (...).</u>	1.3.1. Paradoxo	Vide #23.
38	<u>Invejo a todas as pessoas o não serem eu.</u>	1.3.1. Paradoxo	Vide #23 e #34.
42	O lugar onde estive <u>fica sem ele ali estar</u> , a rua por onde andava <u>fica sem ele lá ser visto</u> , a casa onde morava é <u>habitada por não-ele.</u>	1.2.1. Metáfora + 1.3.1. Paradoxo	A ausência é uma presença, disse Drummond de Ana C. César, sentimentalmente; mas neste trecho do <i>LD</i> , não será mesmo física e (i)logicamente? Equivalem-se presença e ausência, afirmação e negação, uma tão real quanto a outra no mundo das sensações?
46	"Sou do tamanho do que vejo!". Cada vez que penso esta frase com toda a atenção dos meus nervos, ela me parece mais destinada a reconstruir <u>consteladamente</u> o universo.	2.1.1. Potência (modalidade)	Haverá limites para a criação de advérbios quando a própria escrita ocorre na extensão do momento entre sonho e vigília? Haverá nas palavras alguma potência latente que Pessoa não logre acordar?
50a	<u>Espaçado</u> , um vaga-lume vai sucedendo-se a si mesmo.	1.2.1. Metáfora	Uma definição perfeita para o pirilampo?
50b	A hora harmoniza-se numa sensação inquieta, desde a invisibilidade visível de tudo até à madeira vagamente rugosa de ter estalado a tinta velha do parapeito <u>branquejante</u> , onde está <u>estendidamente</u> apoiada de lado a minha mão esquerda.	2.2.3. Potência (modalidade)	Vide #46. O que vale para advérbios vale para a adjetivação, especialmente com "particípio-presente", por seu efeito de raiz verbal. Pessoa estimula um movimento interno aos nomes?
51a	Toda a massa da ameaça da chuva passara para por sobre a outra margem (...)	2.2.3. Abelha (espacialidade)	Não foi a chuva que passou, mas a massa de sua ameaça; e não passou para "lá", mas "para por sobre a outra margem". Como desenhar estas ao mesmo tempo mais-que-precisas e mais-que-abstratas delimitações espaciais?
51b	Não sinto vento, mas <u>há-o</u> , e a outra margem, afinal, é uma ilha longa, por detrás da qual se divisa – grande e abandonado rio! – a outra margem verdadeira, deitada na distância sem relevo.	2.2.2. Regência – Hera (transitividade)	Por que Pessoa não usa o verbo existir, e sim a construção deveras rara (ou mesmo afetada) do verbo haver com pronome oblíquo? Será porque o verbo 'existir' demandaria um sujeito, e Soares não

			sente o vento, "mas há-o" – e o verbo haver enfatiza sua existência em si, à moda de Caetano.
54a	Quase todos os homens sonham, nos segredos do seu ser, um grande imperialismo próprio, a sujeição de todos os homens, a entrega de todas as mulheres, a adoração dos povos, e nos mais nobres, de todas as eras... Poucos como eu <u>habitua</u> <u>do ao sonho</u> , são por isso <u>lúcidos</u> o <u>bastante</u> para rir da <u>possibilidade estética</u> de se sonhar assim.	1. Estilística como Estética +1.3.1. Paradoxo	Se o sonho é uma possibilidade estética e um lúcido sonho habitual é o estilo do <i>LD</i> , segue-se que a Estilística do sonho funda uma Estética?
54b	O aplauso chega ao quarto andar onde moro e colide com a mobília tosca do meu quarto barato, com o reles que me rodeia, e me amesquinha <u>desde a cozinha ao sonho</u> .	2.2.3. Abelha (espacialidade)	Vide #31 e #51. Que continuidade há da concretude da cozinha à abstração do sonho, para que se possa passar de um espaço a outro?
56a	(...) encontrei o Moreira, <u>inesperadamente matutino</u> , e um dos caixeiros de praça <u>debruçados rebrucadamente</u> sobre umas coisas enegrecidas (...)	2.2.2. Potência (modalidade)	Vide #46 e #50.
56b	Até o moço – reparo sem poder reprimir um sentimento que busco supor que não é inveja – tem <u>uma certeza de cara</u> , uma expressão directa que dista sorrisos do meu apagamento nulo de esfinge de papelaria.	2.2. Regência +3. Semântica	Quem tem certeza, não tem certeza de alguma coisa? Se, contudo, "de cara" não completa o nome "certeza", mas apenas o adjetivo, que campo semântico se abre ao fundir a abstração da certeza com a materialidade de uma cara?
58	Esta criança, que brinca diante de mim, é um amontoado intelectual de células – mais, é uma relojoaria de movimentos subatômicos, estranha congloação eléctrica de milhões de estrelas solares em <u>miniatura mínima</u> .	1.2.3. Pleonasma	Qual a diferença real entre o pleonasma vicioso e o expressivo? Quando o pleonasma informa, não será ele um modo de organização basilar da linguagem?
63a	Estas páginas, em que registro com uma clareza que dura para elas, agora mesmo as releio e me interrogo. Que é isto, e para que é isto? Quem sou quando sinto? <u>Que coisa morro quando sou?</u>	2.2. Regência +2.3.1. Ideologia	Se o verbo morrer rege um objeto direto mortal (coisa) e se há um sujeito que, mesmo sofrendo o verbo morrer, segue perguntando... haverá um ego que morre e uma voz maior que <i>sobre-vive</i> ? Que aspecto transcendente determina esta regência?
63b	Sou como alguém que procura ao acaso, não sabendo onde foi oculto o objecto que lhe não disseram o que é. <u>Jogamos às escondidas com ninguém</u> .	1.3.1. Paradoxo	Como é possível jogar com ninguém? Se fosse só jogar consigo mesmo, como é que se jogaria às escondidas consigo mesmo?
63c	Releio, sim, estas páginas que representam horas pobres, pequenos sossegos ou ilusões (...) / Releio? Menti! Não posso	1.3.3. Contradição	Por que não pode reler? Além de a confissão da mentira contradizer a mentira prévia, Pessoa não

	reler. De que me serve reler? O que está ali é outro. Já não compreendo nada...		pode reler por ser agora outro, sem nada compreender do lido. Uma influência de Caetano, fiel ao momento das sensações?
66	A civilização consiste em dar a qualquer coisa um nome que lhe não compete, e depois sonhar sobre o resultado. E realmente <u>o nome falso e o sonho verdadeiro criam uma nova realidade.</u>	3. Semântica	Que semântica é esta, de um significante sabidamente impróprio + significado sonhado = signo de uma nova realidade?
67a	Não sei que coisa estranha e pobre existe na substância íntima dos jardins citadinos que <u>só a posso sentir bem quando me não sinto bem a mim.</u>	1.3.1. Paradoxo	Vide #23, #34 e #38.
67b	Se me distraio, julgo que tenho realmente casa, lar, aonde volte (...). Mas a ilusão não dura muito (...). <u>Por cima do erro de eu estar homem</u> , abre-se de repente, como se a luz do dia fosse <u>um pano de teatro</u> que se escondesse para mim, o grande cenário das estrelas. E então <u>esqueço com os olhos a platéia amorfa e aguardo os primeiros actores</u> com um sobressalto de criança no circo. <u>Estou liberto e perdido. Sinto. Esfrio febre. Sou eu.</u>	1.2.1. Metáfora 1.2.3. Contradição +2.2. Regência	Como ler a frase "esfrio febre": um período sintético tão denso que se torna febril em sentidos? Febre = pela febre?, com a febre?, porque tenho febre? Como estar liberto e perdido ao mesmo tempo? Só se o sujeito for dois: um que se perde (ego) e outro que se liberta (o não-ego)... O ego apenas <i>está</i> ("o erro de eu estar homem"), enquanto para além dele é que o sujeito "é". Ao contrário de Descartes: <i>Não penso, logo sou?</i>
69	Uma espécie de anteneurose <u>do que serei quando já não for gela-me corpo e alma.</u>	1.3.2. Antítese	Há dois sujeitos simultâneos na frase? O que já não será corpo e o que já poderá ser alma?
70a	[um homem] Levava uma pasta velha debaixo do braço esquerdo, e punha no chão, <u>no ritmo de andando</u> , um guarda-chuva enrolado, que trazia pela curva na mão direita.	2.2. Regência	O gerúndio ("andando") caracteriza justamente o ritmo, como se ele ocorresse no instante em que é qualificado?
70b	Toda a vida é um sonho. Ninguém sabe o que faz, ninguém sabe o que quer, ninguém sabe o que sabe. <u>Dormimos a vida, eternas crianças do Destino.</u>	2.2. Regência (transitividade)	Vide #46 e #50 e, na tab.1, #84. Há uma transitividade verbal fixa, ou uma potencialidade geral dos nomes em <i>reger</i> e <i>ser regidos</i> ?
70c	[transeuntes] Passam com toda as atitudes com que se define a consciência, e não têm consciência de nada, porque não têm <u>consciência de ter consciência.</u>	1.3.1. Pleonasma +3. Semântica	Como poderia haver consciência sem reflexão, sem a dobradura do pensar sobre si mesmo? Como poderia haver linguagem sem pleonasma, sem as referências redundando sobre si mesmas?
74	Parara o universo inteiro. Momentos, momentos, momentos. A treva <u>encarvoou-se de silêncio.</u>	2.2.1. Semente	Para além da metáfora, o nome carvão guarda uma potência verbal, que o poeta acende. Que nome não

			a guardaria, nas mãos de Pessoa?
75	(...) separar a idéia de carro da idéia de velocidade, separá-las de todo, até serem coisas-reais diversas. Depois, posso sentir-me seguindo não dentro do carro, mas <u>dentro da Mera-Velocidade dele</u> .	2.3.1. Ideologia	Vide #26b, sobre a autonomia das sensações em Caeiro.
76a	(...) como um corpo vive na altura, na largura e no comprimento, os nossos sonhos, quem sabe, viverão no ideal, no eu e no espaço.	1.2.1. Metáfora	Como a linguagem há de medir os espaços além-espaco do "ideal" e do "eu", sem transpassar ou criar uma Gramática? Com que advérbios de lugar?
76b	Os sonhadores actuais são talvez os grandes precursores da ciência final do futuro. Não creio, é claro, numa ciência final do futuro. Mas isso nada tem para o caso.	1.3.3. Contradição	Vide #63c sobre Contradição. O sonho em si é mais importante que a crença (ou descrença) na possibilidade de sua realização?
79	Pobres das esperanças que tenho tido, saídas da vida que <u>tenho tido de ter!</u>	1.2.3. Pleonasma +2.3.1. Ideologia	Como usar uma expressão verbal com três flexões do verbo "ter" e fazer sentido?
80a	Nem mesmo abdicó daqueles gestos banais da vida de que eu tanto quereria abdicar. Abdicar é um esforço, e eu <u>não possuo o de alma</u> com que esforçar-me.	1.2.3. Pleonasma (elipse)	O pleonasma é tão constituinte da linguagem, que funciona (e o ouvimos) mesmo que o seu signo não esteja lá? Por que seria vício, sendo base?
80b	Todas as durezas olhadas me <u>magoam o conhecê-las durezas</u> .	2.3. Concordância	Vide #56. O que é magoado nesta frase? À primeira vista, o <i>eu</i> ("me"), que seria o objeto direto; à segunda vista "a consciência de que as durezas são durezas" – e o objeto direto seria a oração infinitiva; à terceira vista, não se consegue isolar tão bem estes elementos – e o "me" passaria de objeto direto a um dativo ético. * Por que só esperar substantivos funcionando como objeto de um verbo qual "magoar"? Por que não pensar os satélites de um verbo como grandes casas, abertas à visitaçao de palavras de toda espécie, v.g. uma oração infinitiva?
80c	A minha vida é como se me batessem com ela.	1.3.1. Paradoxo +2.3.1. Pleonasma	Por que não um sujeito ser também o instrumento do seu próprio predicativo? A auto-referenciação da linguagem tem limites?
87	Umaz vezes o próprio ritmo da frase exigirá Deus e não	1.2.1. Metáfora	Pessoa muda verbalmente de universo e representa

	Deuses: outras vezes, impor-se-ão as duas sílabas de Deuses e <u>mudo verbalmente de universo</u> ;		isso na frase chocando o leitor com a quebra sem vírgulas do sujeito. O que Pessoa escreve separa-se de como escreve?
138	As mesmas paisagens, as mesmas casas eu as vi porque as fui, feitas <u>em Deus</u> com a substância da minha imaginação.	0. Gramática da União	'Em Deus' é espaço possível em Pessoa, um adjunto adverbial de lugar? Nesse sentido, tratar-se-ia de um espaço que <i>limita</i> ou <i>ilimita</i> ?
141	A minha alma é <u>húmida de ouvi-lo</u> . (...) Bate contra a vidraça, indolente, <u>gemedoramente</u> , a chuva.	2.1.1. Potência (modalidade) +2.2.2. Hera	Sobre o advérbio "gemedoramente", vide #46. Sobre "de ouvi-lo", como classificar esta oração reduzida? Um adjunto?, um complemento nominal?, uma hera presa às florações semântica da qualidade "húmida"?
142	Em qualquer coisa pensa no escuro o moço de fretes que modorra de dia contra o candeeiro no intervalo dos carretos. Sei em que <u>entrepensa</u> (...).	1.2.1. Metáfora +2.2.1. Semente	Entrepensar = entre + pensar = pensar no intervalo entre dois cochilos? A nuvem de sensação percebida tem passe-livre em Pessoa rumo à condensação de uma nova palavra?
157	Criar <u>dentro de mim</u> um estado com uma política, com partidos e revoluções, e ser eu isso tudo, <u>ser eu Deus</u> no panteísmo real desse <u>povo-eu</u> , essência e acção dos seus corpos, das suas almas, da terra que pisam e dos actos que fazem. <u>Ser tudo, ser eles e não eles</u> .	0. Gramática da União	Considerando-se a si mesmo como um lugar, quais as fronteiras? Dentro de si, Pessoa vai de 'ser Deus' ao 'povo-eu' como sendo uma coisa só? De ' <i>ser ou não ser</i> ', a questão passa a ' <i>ser até o não ser</i> '?
174	E, em meio de tudo isto, vou pela rua fora, dorminhoco da minha vagabundagem <u>folha</u> .	2.1.1. Potência	Como classificar estavelmente "folha" como substantivo comum, havendo um Fernando Pessoa para adjetivá-lo?
182	Aborreço-me de mim <u>em tudo</u> .	0. Gramática da União	Se 'em tudo' define um lugar, trata-se de uma <i>definição</i> ou de uma <i>indefinição</i> ? Um advérbio <i>ilimitador</i> ? Vide #138.
198	(...) e eu atingia um estado de distância íntima em que se me tornava difícil lembrar-me de ontem, ou conhecer como meu o ser que <u>em mim</u> está vivo todos os dias.	0. Gramática da União	Se o 'ser em mim' cabe no espaço 'em mim', isso quer dizer que 'ser' e 'mim' são sujeitos diferentes? Qual deles enuncia a frase em questão? Vide #157.
202	(...) certos retoques de brisa fria que anunciavam o outono. Não era ainda o desverde da folhagem (...)	2.2.2. Hera (afixação)	Vide #29 e #31.
221	<u>Nunca dei crença àquilo em que acreditei</u> . Enchi as mãos de areia, chamei-lhe ouro, e abri as mãos dela toda, <u>escorrente</u> .	2.3.3. Contradição	Afora a metáfora em participio presente ("escorrente"), como não dar crença àquilo em que

		+1.2.1. Metáfora	se acredita? Desapegando-se das criações?
227	(...) o reflexo desse céu nulo num lago <u>em mim</u> (...)	0. Gramática da União	Vide #157 e #198.
249	(...) Deus é a alma de tudo. Nunca compreendi que quem uma vez considerou este grande fato da relojoaria universal pudesse negar o relojoeiro <u>em que</u> o mesmo Voltaire não <u>descreu</u> .	0. Gramática da União +2.2. Regência	Descrever <i>em</i> alguma coisa? Por que não descrever 'de', como ensina a regência tradicional? Sendo Deus 'a alma de tudo' (um espaço total), Voltaire, mesmo que descrevesse, descreveria estando 'em Deus', no espaço 'Deus'?
259	Gosto de dizer. Direi melhor: gosto de <u>palavrar</u> .	2.2.1. Semente	Como e por quê o neologismo pode dizer melhor que a tradição?
264	Conheço, translata, a sensação de ter comido demais. Conheço-a com a sensação, não com o estômago. Há dias em que <u>em mim</u> se comeu de mais.	0. Gramática da União	A sensação de ter comido demais independe do sujeito 'comilão'? É tal sensação mais real que ele? O sujeito de 'Em mim' torna-se um 'lugar', não-possuidor das sensações que por ele passam? Vide #26b e #198.
334	Hoje, de repente, <u>voltei ao que sou ou me sonho</u> .	1.3.1. Paradoxo	Um sujeito poderia voltar ao que é, à sua identidade. Mas, quem voltaria ao que sonha ser: aquele que sonha, ou aquele que é sonhado?
342	(...) um embrulhar-se <u>sem onde</u> .	2.2.2. Hera (espacialidade)	Um verbo reflexivo substantivado, com um advérbio que, em vez de definir algo, nega a existência de um lugar para a definição?
377	Há qualquer coisa de longínquo <u>em mim</u> neste momento.	0. Gramática da União	Como algo pode a um tempo estar 'em mim' e ser longínquo? Paradoxo? Ou não há limite para o espaço 'em mim'?
415	"De que é que você está a rir?", perguntou-me sem mal <u>a voz do Moreira de entre para lá das duas prateleiras do meu alçado</u> .	2.2.3. Abelha (espacialidade)	Vide #51.
417	<u>Por sobre de onde vejo</u> há ramos negros de árvores	2.2.3. Abelha (espacialidade)	Onde fica "por sobre de onde"? Vide #51 e #415.